

Maurice Blanchot: Pensar a comunidade

Francisco Guerrero Ortega/VFG

Resumo

O artigo constitui uma tentativa de reconstrução da noção de comunidade a partir da literatura na obra de Maurice Blanchot. A comunidade apresenta-se como uma forma original e inovadora de relação social.

Abstract

This article constitutes an attempt to reconstruct the notion of community in the work of Maurice Blanchot, starting from the literature. The community appears as an original and new form of social relationship.

Em 1886 Nietzsche anuncia-nos a iminente chegada de um novo tipo de filósofo (“do perigoso talvez”), capaz de aceitar a contradição e a convivência de valores incompatíveis no pensamento:

Por muito valor que possa corresponder ao verdadeiro, ao veraz, ao desinteressado, talvez haveria de conceder um valor superior ou mais importante à vida, à aparência, à vontade de erro, ao egoísmo e à lascívia. Caberia mesmo a possibilidade de que o que constitui o valor das coisas boas e veneradas consista precisamente no fato de estar aparentadas, vinculadas, amalgamadas de forma insidiosa com estas coisas más, aparentemente opostas, e com as quais, talvez, sejam idênticas. Talvez! Mas quem é disposto a se interessar por tais perigosos talvez? Para isso haveria de esperar a chegada de um novo tipo de filósofos, de filósofos com gostos e inclinações diferentes e opostas às ostentadas até aqui; filósofos do perigoso talvez em todos os sentidos da palavra. E falando com toda a seriedade: vejo que esses novos filósofos apareceram no horizonte.¹

O talvez não tem espaço na tradição filosófica, preocupada com a verdade, a veracidade e a certeza. Nietzsche aceita o desafio de desconstruir esta tradição apresentando uma nova noção de pensamento, de (anti) lógica, de política, mesmo de comunidade encarnada por esse novo tipo de filósofos do “perigoso talvez”. O pensamento do talvez escaparia ao discurso conceptual e racional da filosofia exprimido em proposições, afirmações, distinguindo-se pela capacidade de levar a sério a necessidade de enunciados aparentemente contraditórios e fazendo da impossibilidade sua condição de possibilidade. A linguagem do talvez é uma linguagem fragmentária, aforística e oblíqua que faz da aporia sua lei, pensando-a até o limite. O talvez exprime também o convite nietzscheano a participar de uma experiência de comunidade sem comunidade dos pensadores por vir. Uma comunidade dos “amigos natos, fiéis e ciumentos da solidão”. Comunidade anacoreta dos que aspiram a afastar-se, comunidade sem comunidade ou comunidade da “des-ligação social” (Derrida). Comunidade no silêncio, da solidão e da distância infinita.

Quase um século depois do aviso nietzscheano da chegada dos filósofos do perigoso talvez, Maurice Blanchot cita num belo texto (*La communauté inavouable*) a filiação de seu amigo Georges Bataille (e a sua) com a comunidade nietzscheana: "A comunidade da que falo é a que existe virtualmente do fato da existência de Nietzsche." (1983, p. 41) O pensamento do talvez vai percorrer assim os textos de Blanchot, configurando sua noção de literatura e de comunidade (literária). A linguagem da literatura é para Blanchot a procura do momento que precede à literatura mesma, o "afora" (*le dehors*): "negando a noite, a literatura reconstrói o dia como fatalidade; afirmando a noite encontra a noite como impossibilidade da noite. Essa é sua descoberta."² Desde seus primeiros romances *Thomas l'obscur* (1941) e *Aminadab* (1942) aparece na escrita de Blanchot uma lógica monstruosa, ou uma anti-lógica representada através de uma série de estranhos paradoxos e inversões, em que a claridade vira escuridade, o dia noite, a decisão paralisa, a possibilidade impossibilidade, a presença não-presença, e a comunidade ausência de comunidade; ou seja a possibilidade existe somente enquanto potencial impossibilidade, a presença está marcada inexoravelmente pela não-presença e a comunidade é simultaneamente ausência de comunidade. A literatura constitui uma relação singular com seus limites, pois nela a linguagem põe limites superando ao mesmo tempo esses limites, mostrando assim que o ilimitado é a condição de possibilidade e está unido inseparavelmente ao limite. A literatura é o estranho movimento de manter e ultrapassar simultaneamente os limites; escrever constitui a experiência de sua impossibilidade, um "não escrever" ("*ne pas écrire*") como impotência, esterilidade. A escritura é esterilidade e impossibilidade de escrever.

A literatura constitui para Blanchot uma experiência comunitária; uma comunidade como ausência de comunidade, ou seja, fazendo uso da formulação de Georges Bataille que Blanchot utiliza como lema de seu livro (*La communauté inavouable*): "A comunidade dos que não têm comunidade."³ Comunidade não como relação do mesmo com o mesmo, mas como uma forma de relação dissimétrica, como abertura para o outro. Para Blanchot, entre escritor e leitor existe uma comunidade singular, pois a leitura é uma parte essencial da experiência da escritura, e a figura do leitor é parte constituinte da gênese da obra. Na obra, escritor e leitor estabelecem uma comunidade, sua comunicação é "a intimidade em luta entre a exigência de ler

e a exigência de escrever.”⁴ Resulta interessante o fato da comunicação entre leitor e escritor ser descrita como “intimidade em luta”, “desgarrada por momentos irreconciliáveis e inseparáveis”, ou seja, uma diferença insuperável entre os dois que não espera ser ultrapassada mas que faz da distância sua lei.

A leitura é uma relação com o outro que o deixa na sua alteridade. Leitura não como a tarefa hermenêutica da compreensão e da exegese, mas como abertura para a obra na relação sem relação da “paixão de um acolhimento”, ou seja, uma impotência passiva, mediante a qual o pensamento se abre ao outro, uma aproximação no distanciamento. A comunidade literária supera a relação corrente do mesmo com o mesmo, estabelecendo uma relação dissimétrica “que introduz o outro como irreduzível”.⁵ Na comunidade literária o leitor não tem uma existência independente do escritor; ele é interior à obra, é uma sombra, um duplê do escritor; mas, precisamente enquanto transparente e impessoal, o leitor é único e insubstituível; Blanchot chega a afirmar que o leitor ajuda o escritor a escrever, pois a leitura — acolhida da generosidade da obra, passividade que arranca o livro do fazer e da produção — “ressuscita”, reanima a obra, assim o leitor reproduz a experiência da escrita, ele é o único capaz de “abrir a obra”.

Escrever consiste, para Blanchot, na tarefa de se desprender da individualidade, do eu particular, perder as particularidades psicológicas e sociais até tornar-se “um eu sem eu” (*un moi sans moi*), uma “subjetividade sem sujeito”, ou seja, a “passividade”. Ora, é precisamente enquanto despojado de sua individualidade que o escritor vira semelhante ao leitor, próximo e insubstituível ser singular. A comunidade literária tem lugar entre o escritor e o leitor, ambos des-individualizados, despossuídos de suas particularidades, eus sem eu. A fadiga, como consequência, a ausência de obra (*désœuvrement*) constituem a origem da escritura; essa fadiga cria um abismo entre escritor e leitor, ela não os aproxima mas os faz tornar-se estrangeiros. “Relação de terceiro gênero” vai ser o nome que Blanchot cria para explicar o paradoxo representado por esta relação que, precisamente separando, cria o vínculo, a comunidade: relação que não aspira à união, à fusão, mas à interrupção de todo mito da comunidade como fusão e unidade. A literatura é a voz desta interrupção. Com palavras de Jean-Luc Nancy:

A literatura é indecente porque não é conveniente nem para o mito da comunidade nem para a comunidade do mito. Ela não é apropriada nem para a união nem para a comunicação. (...) A literatura é o que interrompe o mito na divisão ou na comunicação da obra proporcionando uma voz ao ser-comum, o qual nem tem nem poderia ter mito.⁶

A relação de terceiro gênero constitui uma ligação alheia à exigência de unidade que caracteriza o mito da comunidade, funda-se antes na “estranheza entre nós” que na proximidade. Analogamente à comunidade de amantes — na que o amante é para o amado a distância e a estranheza, constituindo esse afastamento a estrutura mesma do amor — a comunidade literária se caracteriza pela distância e a separação de seus membros. A comunidade verdadeira (de amantes ou literária) baseia-se na aproximação, numa proximidade que é ao mesmo tempo afastamento e separação. Proximidade na distância, relação com a distância simultaneamente mantida e superada. A escritura como comunicação é comunidade, conversa com o leitor que instaura um intervalo aberto entre narrador e companheiro, uma fissura entre escritor e leitor que os separa. A distância não separa escritor e leitor mas, embora pareça um paradoxo, constitui sua comunidade. A linguagem mesma é a origem desta distância original que nos separa: “Somente a linguagem tem condições de afirmar o abismo existente entre eu e outro e, ao mesmo tempo, de ultrapassar o inultrapassável sem aboli-lo ou diminuí-lo.”⁷

A comunidade literária como relação na distância e na separação é também relação de solidão. A comunicação estabelecida entre escritor e leitor, nesse espaço literário como “nosso espaço comum” não reduz nem termina com a solidão do escritor, o qual se sente só, não na ausência do companheiro, mas na sua presença, como afirma o narrador de *Aquele que não me acompanha* (*Celui qui ne m'accompagnait pas*): “quando deixei de estar só, a solidão virou intensa, infinita.”⁸ Não se trata, porém, de uma afirmação contraditória, pois para o narrador a companhia do companheiro, a conversa com ele, é escrever, ou seja, a comum pertença ao espaço fechado e isolado do mundo que representa o espaço literário. Por isso, quando o narrador afirma estar só, o companheiro responde: “É verdade, você não está só, mas nós somos sós.”⁹ Na comum pertença à obra, ao espaço literário, narrador e companheiro formam um “nós”, uma comunidade.

Para Blanchot, a amizade encarna uma forma privilegiada de comunidade literária, dessa relação *sui generis* de proximidade, na distância e na solidão,

relação com o incomensurável, como mostram os textos dedicados a seus amigos: Georges Bataille, Emmanuel Levinas, Jacques Derrida e Michel Foucault, entre outros. As palavras mais belas que Blanchot reserva para a comunidade literária representada pela amizade são dedicadas à memória do amigo Georges Bataille:

A amizade, essa relação sem dependência, sem episódio e na qual, porém, entra toda a simplicidade da vida, passa pelo reconhecimento da estranheza comum que não nos permite falar de nossos amigos, mas somente de lhes falar, não fazer deles um tema de conversa (ou de artigos), mas o movimento do acordo, onde, quando nos falamos, conservamos a distância infinita – mesmo na maior familiaridade –, esta separação fundamental, a partir da qual, tudo o que separa se torna relação.¹⁰

Leitura e escritura são componentes fundamentais desta relação singular da amizade, a escritura constitui a comunidade. Porém, para Blanchot, precisamente enquanto exigência de escrever, a amizade exclui toda amizade. A amizade constitui no fundo “uma relação com o desconhecido”, amizade “pelo desconhecido sem amigos”;¹¹ escrever é constituir esta relação com a incomensurabilidade:

Amizade sem divisão e sem reciprocidade, amizade para o que passa sem deixar rasto, resposta da passividade à não-presença do desconhecido (...). A amizade não é nem um dom nem uma promessa, a generosidade genérica. Relação incomensurável de um para outro, ela está relacionada com o afóra na sua ruptura e na sua inacessibilidade. O desejo puro impuro e o apelo a superar a distância, apelo a morrer em comum pela separação.¹²

Amizade como comunidade literária – afirmação de continuidade a partir da necessária descontinuidade –, comunidade negativa daqueles que não têm nada em comum.

A comunidade negativa e inconfessável da qual Blanchot nos fala se constitui, sem que seus membros tenham a sensação de pertencer a esta comunidade, comunidade sem projeto, *telos* ou obra, como passividade e ausência de obra (*désœuvrement*); com outras palavras, o que Jean-Luc Nancy denomina um “com-parecer” (*com-paraitre*). As experiências comunitárias que Blanchot nos descreve (*Acephale*, Maio de 1968, a revolta na França contra a política argelina) são acontecimentos de um *status* incerto, são inconfessáveis, e nas que cada membro forma comunidade somente na separação absoluta, a

qual deve ser afirmada para tornar-se relação. A comunidade se constitui a partir de um simples “vem” (*viens*) que apela a um outro desconhecido, o “afora” (*le dehors*) anterior à identificação de um remetente, um endereço, uma linguagem ou uma mensagem, e que constitui a condição de possibilidade da comunidade. O “Vem!” enquanto acontecimento pré-conceptual, necessário e impossível ao mesmo tempo, resiste a toda apropriação pela ontologia, teologia, retórica, gramática e escatologia, pois representa o gesto que origina as condições das quais tais determinações dependem. Como observa Jacques Derrida, “Vem!” não caracteriza “nem um desejo, nem uma ordem, nem uma oração, nem uma demanda.”¹³ Vem! constitui um apelo não dirigido a um indivíduo concreto convidado a fazer parte desta comunidade inconfessável; mas de um apelo a um outro desconhecido: “Vem, vem, vem, vocês ou você, para os quais toda ordem, oração ou espera é inapropriada.”¹⁴ Na medida em que desenvolve a distância existente entre escritor e leitor, ou a ultrapassa mantendo-a, o “Vem!” é a palavra *par excellence* da escritura; mantendo o vazio que nos separa, esboça a comunidade. A comunidade que somente existe em seu fracasso, na ausência de comunidade. Comunidade literária, frágil e fugaz dissolvendo-se no momento mesmo da sua constituição, como ausência de comunidade, na solidão e na experiência da separação, como comunidade dos que não têm comunidade, existente somente no breve acontecimento aberto pelo apelo silencioso VEM!

De Nietzsche a Blanchot somos convidados a participar desta comunidade anacoreta do “vem!”, a qual corresponde ao que Nietzsche denominava o pensamento do “perigoso talvez”, na base de toda comunidade e de toda amizade. Como Derrida belamente descreve:

Talvez esta amizade (e esta comunidade) seja impossível. Exato. *Talvez* o impossível seja a única oportunidade de qualquer novidade, de qualquer filosofia nova da novidade. *Talvez*, *talvez* na verdade o *talvez* nomeia ainda esta oportunidade. *Talvez* a amizade, se ela existe, deva corresponder ao que aqui aparece como impossível.¹⁵

Notas

1. NIETZSCHE, Friedrich. *Jenseits von Gut und Böse*. In: SCHLECHTA, K. *Werke*, v. 2, p. 14, (o grifo é meu).
2. BLANCHOT, Maurice. La littérature et le droit à la mort. In: *La part du feu*, p. 316.
3. BLANCHOT, Maurice: *La communauté inavouable*, p. 9. No fundo, o objetivo do livro seria comentar esta frase de Bataille que exprime sua concepção de comunidade e de amizade. O texto de Blanchot, publicado em 1983, tem como ponto de partida um artigo de Jean-Luc Nancy: “*La communauté désœuvrée*”, em que este analisa as relações entre comunismo, comunidade e literatura a partir da obra de Georges Bataille. Blanchot estabelece, no mesmo texto, um diálogo intenso com Emmanuel Levinas e Jacques Derrida. Nancy, por sua vez, após da leitura do livro de Blanchot, transforma seu artigo em um livro com o mesmo título (1986). Talvez a comunidade (literária) consista neste escrever oblíquo no texto do amigo, neste falar a língua do amigo, acompanhá-lo no seu raciocínio para mostrar as diferenças fundamentais entre os dois; uma forma de se dirigir ao outro, de não falar *do* outro, mas *ao* outro, como mostra com grande beleza Leslie Hill na relação Blanchot-Levinas: “For while Blanchot speaks in the language of Levinas, he does so with discretion: by which I mean that he does so with both affectionate reserve and an awareness of the complex differences of both emphasis and substance that separate them from each other; with the result that Blanchot’s account of Levinas, in its very fidelity to Levinas’s language, also reads like a silent testimony to the fundamental dissymetry between the two. In paying homage to Levinas, Blanchot does not write from a position of neutrality, but by borrowing extensively from Levinas dedicates his text to the impossibility of remaining faithful to Levinas, which is Blanchot’s way of remaining faithful to Levinas” (*Blanchot. Extreme contemporary*, p. 164).
4. BLANCHOT, Maurice: *L’espace littéraire*, p. 263. (Apud TWELLMANN, Marcus, *Gemeinsamkeit* [s.d.]. Dissertação de mestrado (inédita) da Universität Bielefeld, Alemanha).
5. BLANCHOT, Maurice: *La communauté inavouable*, p. 11.
6. *Die undarstellbare Gemeinschaft*, p. 134, 136.
7. BLANCHOT, Maurice: *L’Entretien infini*, p. 89.
8. Apud SCHULTE NORDHOLT, Anne-Lise. *Maurice Blanchot. L’écriture comme expérience du dehors*, p. 331.)
9. Op. cit, p. 85.
10. BLANCHOT, Maurice: *L’Amitié*, p. 328.
11. BLANCHOT, Maurice: *La communauté inavouable*, p. 42, 44.
12. BLANCHOT, Maurice: *L’Écriture du désastre*, p. 47, 50.
13. *D’un tone apocalyptique adopté naguère en philosophie*, p. 93.
14. BLANCHOT, Maurice: *La communauté inavouable*, p. 26.
15. Derrida, Jacques: *Politiques de l’amitié*, p. 54 (o grifo é meu).

Referências bibliográficas

- BLANCHOT, Maurice. *La part du feu*. Paris : [s.n.], 1949.
 _____. *L’Amitié*. Paris : [s.n.], 1971.
 _____. *La communauté inavouable*. Paris : [s.n.], 1983.

- _____. *L'Écriture du désastre*. Paris : [s.n.], 1980.
- DERRIDA, Jacques. *D'un tone apocalyptique adopté naguère en philosophie*. Paris : [s.n.], 1983.
- _____. *Politiques de l'amitié*. Paris : [s.n.], 1994.
- HILL, Leslie. *Blanchot. Extreme contemporary*. London : [s.n.], 1997.
- LEROUX, Georges. A l'ami inconnu: Derrida, lecteur politique de Blanchot. In: *Etudes françaises* v. 31, n. 3. Montreal p. 95-96.
- NANCY, Jean-Luc. *Die undarstellbare Gemeinschaft*. Stuttgart : [s.n.], 1988.
- _____. Das gemeinsame Erscheinen. Von der Existenz des "Kommunismus" zur Gemeinschaftlichkeit der "Existenz". In: Vogl, Joseph (Org.). *Gemeinschaften. Positionen zu einer Philosophie des Politischen*. Frankfurt/Main : [s.n.], 1994.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Werke*. Karl Schlechta (Org.). Frankfurt/Main : [s.n.], 1984.
- SCHULTE NORDHOLT, Anne-Lise. *Maurice Blanchot. L'écriture comme expérience du dehors*. Genève 1995.
- SURYA, Michel. *Georges Bataille, la mort à l'oeuvre*. Paris : [s.n.], 1992.